

Os flamengos, os holandeses, a América – contribuições neerlandesas no novo mundo

Anderson Leon Almeida de Araújo

“Bom é Jesus Cristo, Melhor é o Comércio!”¹

Para o início da dissertação, explica-se o que são ‘holandeses’ e o que são ‘flamengos’, dois tipos apresentados num paradoxo, são semelhantes e diferentes, convergentes e divergentes ao mesmo tempo. Para entender esses dois tipos característicos é preciso entender como se dá o próprio processo histórico dos Países Baixos (antiga ‘Províncias Unidas’). ‘Flamengos’ e ‘holandeses’ tem a origem em comum, porém através das transformações históricas, acabam por se dissolver em duas identidades opostas politicamente e religiosamente, mas que muito tem em comum culturalmente. De certo modo, é preciso explicitar que: ‘flamengos’ são todos aqueles, vindos da parte sul do reinado borgonhês, católicos, aliados a Felipe II e a Espanha, presentes nas Américas, exercendo variadas funções, desde trabalhos da manufatura até altos cargos públicos; ‘holandeses’, são aqueles habitantes do norte do reinado borgonhês, calvinistas, separados do domínio espanhol, que estarão de fato colonizando três áreas principais das Américas: a América do norte (Manhattan), o Caribe (Antilhas Holandesas – Aruba, Bonaire, Curaçao, Saba, Sant Eustatios e Sant Martten), e a América do Sul (Suriname, Berbice, Essequibo, Demerara e Brasil).

Mesmo que exista essa distância, principalmente no aspecto político-religioso, flamengos e holandeses, ao se tratar de América estavam unidos, através da língua e de certos aspectos culturais. O que precisa ser entendido é que os flamengos e os holandeses mantinham entre si, uma relação de amizade em territórios espanhóis e portugueses, muitos desses laços eram formados apenas pelo fato do encontro entre semelhantes advindos de uma mesma terra, que falam a mesma língua, ou tem muito de sua cultura e história em comum.

Eis duas grandes ousadias, a primeira flamenga, onde esse povo, aventura-se em terras ibéricas na América, estando sempre sob os olhares estranhos, e principalmente sob o olhar da

¹ CORDOBA- BELLO, Eleazar. "Compañias holandesas de navegación, agentes de la colonizacion neerlandesa". Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-americanos. 1964. p- 122.

santa inquisição, que via nos neerlandeses um inimigo relativamente perigoso a fé católica e ao processo de colonização americano, de certo, nem o colono espanhol e nem o colono português, apreciavam a presença de colonizadores estrangeiros em posses ibéricas. A segunda grande ousadia parte dos holandeses, que após a reforma protestante se separaram da casa imperial dos Habsburgos, fundando um governo baseado no liberalismo econômico, muito advindo da visão calvinista daquela sociedade, lança-se ao mar, em busca daquilo que lhe foi restringido, uma fatia no comércio americano e nas rotas atlânticas, impondo sempre sua ótica liberal nessa relação mercantilista.

Percebe-se e busca-se mostrar nessa pesquisa, como os neerlandeses (flamengos e holandeses) participaram, agiram e transformaram a história americana.

A conjuntura Neerlandesa pré-americana - A construção do agente colonizador.

Para iniciar o estudo sobre a presença flamenga e colonização holandesa nas Américas, é de essencial importância entender quem eram os ‘holandeses’ e que eram os ‘flamengos’, e que aglomeração humana era essa com significada importância nas navegações pelos oceanos, e nas explorações e comércios mundo afora.

De início, não podemos falar de um Estado unificado e conciso, com um governo central estabilizado como era Portugal no século XV e XVI. Os Países Baixos, como se pensa e concebe-se hoje é uma criação contemporânea de meados do século XIX. Não é possível nem sequer usar o termo ‘Países Baixos’, que atualmente designa apenas o território holandês, esse termo não abrange a outra área da pesquisa, a atual Bélgica. O que podemos dizer é que essa região, que atualmente conhecemos por Bélgica, Holanda, Luxemburgo e partes da Alemanha e França, em uma certa época, há alguns séculos atrás, formavam um bloco de ducados e principados, que se viram unidos sob o pavilhão da casa borgonhesa e subsequentemente ao pavilhão da casa Austríaca dos Habsburgos. Tais principados e ducados, que mantinham certas relações de semelhanças, mantinham também relações de diferenças. Até tentou-se formar um reino borgonhês unificado e conciso, aos moldes do que seria feito na Espanha pelos reis católicos, mas a partir de encontros e desencontros apenas causados pelas metamorfoses do processo histórico, a unificação Neerlandesa acabou por não acontecer, fazendo surgir dois dos objetos da pesquisa, o

‘flamengo’ e o ‘holandês’, dois tipos tão distintos quanto semelhantes, de certo modo irmãos, que separados na Europa, em alguns casos, voltaram a ser aliados em terras novas. Não se pode negar o processo de pensamento erasmiano das terras neerlandesas², não há como negar toda uma tradição renascentista presente nos artífices de flandres e províncias vizinhas. Eis que são duas identidades irmãs, que separadas por questões burocráticas na Europa, manteriam contato estrito, e muitas vezes restrito, construindo novas experiências no Novo Mundo.

De pequenos condados a casa Imperial de Habsburgo - Geograficamente, durante a idade média, os Países Baixos estavam compreendidos pelas terras “*ao redor dos estuários do Reno, Mosa e Escalda*”³, tais terras atualmente são divididas pela Holanda, Bélgica, Luxemburgo e áreas da França e Alemanha. Esse grande território estava dividido politicamente em um grande número de “*condados, ducados e principados*”⁴ onde, na alta idade média, florescem importantes cidades e centros comerciais, como Flandres.

Depois de um largo período de desordem social e política, a casa monárquica borgonhesa unifica parte desse território no final do século XIV, particularmente em 1384, com o Duque de Borgonha, Felipe II, O temerário. Vê-se a unificação de “*Flandres, Artois, Nevers, Franco-condado, Antuérpia e Malines. Seus sucessores ampliaram a herança, que em 1433 incluía Holanda e Zelândia*”⁵. Ainda no século XV, surge em terras borgonhesas uma grande indústria naval, famosa por suas urcas, e os “*centros comerciais floresceram, como Amsterdã, Haarlem, Haia, Delft e Roterdã*”⁶.

Porém apenas Carlos, o temerário, tentou de fato construir um “*Estado neerlandoborgonhês*”⁷, o que não conseguiu realizar devido à sua morte em 1477, nesse episódio, todos os

² Durante toda a pesquisa, busca-se mostrar essa diferença política entre ‘flamengos’ e ‘holandeses’, diferença essa que interfere no modo como os ambos participaram da colonização americana, porém em muitos textos historiográficos, ‘flamengos’ e ‘holandeses’ são tratados como uma unidade. Alguns textos discorrem sobre ‘holandeses’, e simultaneamente, trocam-se os termos e passa-se a utilizar o termo ‘flamengos’. Certo afirmar que ‘holandeses’ e ‘flamengos’ não formavam uma unidade política, mas para os olhos dos próprios ‘holandeses’ e ‘flamengos’, e para todos aqueles europeus que mantiveram contato com esses tipos característicos durante os séculos XVI a XVIII, ‘flamengos’ e ‘holandeses’ constituíam a mesma cultura, o mesmo povo. Ou seja, a divergência existia de fato, interferia em suas relações políticas, porém pelo censo comum, ‘holandeses’ e ‘flamengos’ formavam uma pseudo-unidade caracterizada sempre pelo tino comercial, técnico e humanista. Por isso evitar-se-á nesse trabalho usar ambos os termos de modo displicente, para não gerar confusões ou discrepâncias. Em caso geral, o termo a ser utilizado para designar ambos os tipos, será ‘neerlandeses’, termo esse que sintetiza tal cultura.

³ LOYN, H.R. (Org) *Países Baixos* IN: “Dicionário da Idade Média”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 285

⁴ *Ibidem* p. 285

⁵ *Ibidem* p. 286

⁶ *Ibidem* p. 286

⁷ LOYN, H.R. (Org) *Flandres* IN: “Dicionário da Idade Média”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 149

territórios pertencentes a casa de Borgonha passaram a sua filha, Maria de Borgonha que neste momento já estava casada com Maximiliano da Áustria, fato que une definitivamente as casas imperiais de Borgonha e Habsburgo. A partir daí a unificação Neerland-Borgonhesa não seria mais possível.

Da casa de Habsburgo e da dominação espanhola aos tratados de ‘Atrecht’ e ‘Utrecht’ - divisão política Flamengos/Holandeses - Da união entre Maria de Borgonha e Maximiliano da Áustria, nasce o Herdeiro da casa imperial dos Habsburgos, o Arque-duque Felipe, o belo. Joana, a louca, princesa moça da casa dos reis católicos da Espanha, casa-se com o Arque-duque Felipe, selando enfim a união da casa de Castela e Aragão com a casa dos reis de Áustria e das terras neerlandesas. Após uma sucessão de tragédias na linha sucessória da casa dos reis católicos, a coroa recai sobre a cabeça de Joana. E apenas após a morte da rainha Isabel no final de 1504, Joana e Felipe regressam definitivamente a Castela, chegando no porto de La coruña em 26 de abril de 1506. Alguns meses após a coroação, e com um reinado recheado de intrigas com a corte espanhola, o Arque-Duque Felipe falece em 25 de setembro de 1506. Pelo grave estado mental de Joana, o governo Espanhol e das terras Neerlandesas, esteve nas mãos do rei Fernando de Aragão até a maioridade do príncipe Carlos, primeiro filho de Joana e Felipe, nascido no ano de 1500 em Gante, uma das cidades neerlandesas. Carlos, príncipe e herdeiro de um grande império *“permaneceu na corte borgonhesa e foi educado ali por cavalheiros flamengos escolhidos pelo seu avô o imperador Maximiliano”*⁸.

Carlos herda todo o império Espanhol e suas colônias além mar em 1516, após a morte de seu avô Fernando, e em março do mesmo ano, Carlos e sua mãe são coroados como reis católicos em Bruxelas. Em Castela foi coroado passando a ser chamado por Carlos V. A casa de Borgonha-Habsburgo tomara sua posse das terras Espanholas, e assim abre-se o caminho para a presença Neerlandesa nas Américas. Neste momento, os Habsburgos tomam posse de grande parte da Europa, o que torna a missão de governar, simplesmente algo impossível. Não se tinha o controle sobre as terras na Europa, e sofria-se grande pressão por parte dos outros Estados no próprio continente. E a partir daí é gerado um descontentamento generalizado no interior e no exterior do império, gerando conflitos e dissoluções.

Felipe II em 1556, herda de seu pai Carlos V, a Espanha, parte da Itália e as terras Neerlandesas. Sempre usando da força e da violência para controle social, principalmente após a

⁸ Ibidem. P. 149

reforma protestante, onde “*tornou-se virtualmente impossível separar o poder político das tendências religiosas existente nas rivalidades que assolaram o continente nesse período*”⁹. Felipe II, educado em corte Espanhola adotara um caráter de defensor da fé católica, infligindo assim, pulso forte quanto a questão protestante no interior do império, porém ele não levou em consideração a vastidão deste território, as diversas culturas, e no caso neerlandês não respeitou a posição calvinista daquela comunidade. Essa posição firme quanto à questão calvinista é vista principalmente na característica da “*administração eclesiástica, que possibilitou a Felipe II vigiar fortemente a Igreja nos Países Baixos. Com isso, ele não só interveio em questões religiosas como também cortou privilégios da alta nobreza.*”¹⁰. Felipe II criou novos impostos e colocou tropas espanholas em solo neerlandês, causando insatisfação entre a população que se revolta em 1561. Começa assim uma guerra entre o rei e seus súditos resistentes, entre o catolicismo e o calvinismo. As províncias católicas do sul, composta pela população Flamengo-Valôna, acordaram em 1579, com o rei Felipe II, um tratado, onde selavam o compromisso de fidelidade ao soberano e a fé católica, tal tratado chama-se ‘União de Atrecht’.

Assinado no mesmo ano, a ‘União de Utrecht’ separava sete províncias do norte das terras neerlandesas do resto das províncias flamengas, ou seja, separava-se assim o reino Neerlandês composto por 17 províncias, e ao mesmo tempo abalava-se a situação com a corte Espanhola. “*As províncias do norte, calvinista-burguesas, criaram sua própria união - a República Unida da Holanda. Na prática, isso significou a separação da Espanha. Oficialmente, porém, as Províncias Unidas só proclamaram sua autonomia em relação à monarquia espanhola, a 26 de julho de 1581, num manifesto publicado em Haia.*”¹¹ chamado ‘Ata de Abjuração’, estava iniciado o processo de ruptura com a corte espanhola, que perdurou durante toda ‘Guerra dos trinta anos’ até a assinatura do ‘Tratado de paz de Vestfália’ em 1648, em que a coroa Espanhola reconhece a soberania das 7 Províncias unidas do norte.

Os Países Baixos do Norte e do Sul serão reagrupados novamente apenas após a primeira parte das guerras napoleônicas, com o fim da primeira coligação ambos territórios tornaram-se ‘República da Batávia’ e com a revolta holandesa de 1813, a jovem república passa a

⁹ KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências – Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989. 16° reimpressão. p-41.

¹⁰ GESSAT, Rachel. *1581: Holanda se liberta da Espanha*.

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,319686,00.html> visitado em 10/11/2009 às 21:38hs

¹¹ Ibidem. <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,319686,00.html> visitado em 10/11/2009 às 21:38hs.

ser reconhecida com Reino dos Países Baixos, porém com as várias revoluções acontecidas na década de 1830, a atual Bélgica (Países Baixos do Sul) separa-se mais uma vez da Holanda.

Do ideal separatista a unificação nacional - O antagonismo do comércio - De certo, os motivos para a formulação dessa nova formação político-social poderá ser interpretada de duas formas: a primeira esta baseada na idéia de que a Holanda era formada por uma sociedade protestante unificada, entendendo aí como uma unidade política-religiosa pela qual os holandeses lutaram pela separação da Espanha, grosso modo, podemos dizer que esse fator possa ter contribuído para a separação dos Países Baixos, mas ao analisar a colonização holandesa nas Américas, percebe-se que a religião não era o eixo central capaz de influenciar o ato de separação da coroa espanhola; Os ideais calvinistas (como uma economia liberal) foram de encontro com uma sociedade baseada nas relações comerciais dadas em Flandres durante a idade média, ou seja, o calvinismo encontrou um terreno fértil para instalar suas raízes ou, partindo de outra perspectiva, os comerciantes e banqueiros neerlandeses encontraram uma religião que apoiava os ideais liberais de comércio e empréstimo bancário fundamentados pelo processo histórico da região. Desta forma, o calvinismo aparece apenas como um elo fortalecedor dos ideais comerciais daquela cultura. Concluindo, a corte espanhola ao perseguir os protestantes neerlandeses, infringindo altos tributos fiscais, estavam ao mesmo tempo, entrando em conflito com uma burguesia local forte e influente que em certo momento busca a separação.

“As sociedades com fracos aparelhos estatais, como o Império e os Países Baixos independentes, encontraram num conjunto de formas culturais compartilhadas entre os seus respectivos habitantes um elemento cultural decisivo de unidade”¹², que “quanto aos holandeses, mostra um estudo recente que muito poucos correspondiam ao tão reiterado estereótipo do burguês poupado, austero e puritano, mas que ao invés, formavam uma sociedade muito heterogênea onde a sobriedade e o esforço conviviam com o excesso de anarquia”¹³. Ou seja, culturalmente os holandeses se mostravam unidos em torno de uma prática comercial desenvolvida na idade média, e não numa unidade religiosa. Tal identidade comercial engrandeceu as cidades neerlandesas, quando, ao passo que se dá a reforma, encontram se nestas

¹² PUJOL, Xavier Gil. *Centralismo e localismo? Sobre as relações políticas e culturais entre capital e territórios nas monarquias européias dos séculos XVI e XVII* IN; HESPANHA, A. M. (ORG). “Penélope – Fazer e Desfazer História”. Edição Cosmos. n° 6, 1991. p -141.

¹³ Ibidem. p -141.

novas doutrinas religiosas, a base para o desenvolvimento comercial liberal na Europa e nos oceanos.

O principal porto neerlandês, e principal centro econômico da região era o localizado na cidade de Amberres, vizinha a Flandres. Com a pressão espanhola e conseqüentemente as guerras religiosas e separatistas, fazem com que este centro econômico seja transferido de Amberres para Amsterdã. Não foi apenas o porto que migrou para o norte, também a grande malha burguesa flamenga de cidades como Bruxelas, Gante, Flandres e a própria Amberres, simpatizantes dos ideais calvinistas e do progresso que essa religião pudesse causar em suas relações comerciais, migraram para as províncias de Amsterdã, Holanda e Zelândia. Formando em si um Estado sintetizado pela força exercida pelos “*burgueses capitalistas*”¹⁴, que muitas das vezes, e como muitas vezes será visto neste trabalho, os interesses econômicos em busca do lucro, estão acima dos ideais de defesa da nação recém construída, visto que comerciantes da cidade de Amsterdã, durante e após as guerras de religião, vendem material bélico para a Espanha e para a França, grandes inimigas das Províncias Unidas. A Monarquia fundada pela casa dos príncipes de Orange conduz os holandeses à unidade, e conseqüentemente a noção de defesa nacional, porém, em nada a monarquia poderá fazer para frear o liberalismo econômico presente principalmente nas sociedades de ações que permitiam a participação de todo e qualquer comerciante, inclusive daqueles comerciantes advindos de países declarados inimigos da nação holandesa.

Sendo assim, os flamengos do sul (assim como Portugal e Brasil desde 1580) continuaram subjugados a Espanha e ao governo dos Felipes. E as Províncias Unidas Holandesas (do norte) tornaram-se inimigas da corte Espanhola (e conseqüentemente da portuguesa e da brasileira e de todos os vice-reinados espanhóis em América e todas as possessões e feitorias em África e Ásia). Os flamengos do sul, católicos, participaram da colonização espanhola e portuguesa nas Américas. Já os holandeses do norte, calvinistas, buscaram através da grande indústria naval e do seu tino comercial, a conquista e colonização independente nas Américas (Caribe, América do Sul e América do Norte).

Identificar esses povos neerlandeses na presença e na colonização da América, e como foi tal relação com Espanha e Portugal são os temas dos próximos capítulos.

¹⁴CORDOBA-BELLO, Eleazar. *Companhias holandesas de Navegação, agentes da colonização neerlandesa*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos. 1964. *Compañías Holandesas de Navegación, agentes de la colonización neerlandesa*.

Os flamengos nas colônias dos Felipes.

No capítulo anterior foi traçado o caminho dos Países Baixos e das 17 províncias Neerlandesas através das relações com a casa dos Habsburgos e conseqüentemente com o reino espanhol, tal relação traumática divide o reino Neerlandês em dois: o sul católico e aliado à Espanha (flamengos), e o norte, rebelde, calvinista e separado do reino espanhol (holandeses). O que buscaremos nesse capítulo é a presença flamenga, ou seja, aqueles aliados à Espanha, nas Américas, espanhola e portuguesa.

Tais flamengos serão encontrados em maior número nos vice-reinados espanhóis na América, mas não será raro encontrar flamengos em missões católicas no Brasil, ou então, trabalhando nas rotas comerciais da América portuguesa. Precisa-se ter em pensamento o caráter conservador e religioso da corte espanhola, principalmente quanto aos domínios nas Américas. Ao passo que se dá o descobrimento da América, a rainha Isabel proíbe a entrada ou o comércio com todos aqueles não espanhóis, tal medida não encontra eficácia, e os flamengos chegam em terras do novo mundo, onde passam a constituir famílias e se fincar socialmente, para reverter essa situação, a coroa espanhola toma algumas medidas, *“uma forma de permitir aos estrangeiros permanecerem nas Índias foi por meio de um pagamento ao tesouro, fórmula que se chamou de ‘composición’”. Esta ‘composición’ requeria cumprir alguns requisitos, como ter uma permanência prolongada no lugar de residência e ter se casado com uma mulher natural ou residente nas Índias.*”¹⁵ Aqueles que estivessem de acordo com o critério legislativo deveriam pagar uma quantia em dinheiro para receber a autorização de permanência e aqueles que não estivessem de acordo com tal legislação, deveriam ser deportados de volta a Europa, o que nem sempre aconteceu pelo caráter flexível dos vice-reinados. Poucos também foram os flamengos que participaram da *‘composición’*, provando a ineficiência do programa. De fato antes mesmo do ‘tratado de Atrecht’ os flamengos já pisavam em solo hispano-americano, principalmente pela influência de Carlos V, e com a assinatura do ‘tratado de Atrecht’ e o ‘tratado de Utrecht’ tal relação sustenta-se no paradoxo, de amizade e desconfiança. Na teoria os flamengos continuavam aliados, mas na prática todo flamengo era visto como um ‘holandês herético’, isso não impede as

¹⁵ CHAMOT, Eduardo Dargent. *Presença Flamenga na América do Sul colonial*. Universidad San Martín de Porres, Lima – Peru, 2001. p-27. *Presencia Flamenca em la Sudamérica colonial*.

relações comerciais entre colonos espanhóis e flamengos, e não impede também que flamengos alcancem cargos privilegiados, como é o caso do governador da província cubana ‘Santiago de Cuba’, e da província Venezuelana de ‘Nova Andaluzia’, Carlos de Sucre y Pardo, nascido em Flandres; e do Vice Rei do Peru, Teodoro Francisco de Croix, também nascido em Flandres.

Poucos são os flamengos de que se têm relatos, porém aqueles presentes nos relatos desempenharam papéis de certa importância para os vice-reinados, estando ativos em várias funções, desde marinheiros, mercadores, mineiros e artesãos, até padres, artistas, e o vice-rei já citado. De certo modo, os colonos e o próprio governo vice-reinal, procuravam sempre nos flamengos o caráter técnico não encontrado entre os espanhóis, vemos quando “*os artilheiros flamengos eram buscados e selecionados pelos espanhóis graças a sua habilidade no ofício*”¹⁶. Sobre esse assunto é importante ter em mente o caráter mercenário presente nos exércitos, típico das monarquias absolutistas, que não visavam armar seus cidadãos, e por isso contratavam soldados e marinheiros nascidos em outras partes da Europa, inclusive dentre os flamengos.

Ao permitir a entrada de um flamengo no exército espanhol, ou em terras espanholas nas Américas, ou quando se tratava de um matrimônio entre um flamengo e uma colona espanhola, ou qualquer que seja o cargo ou função em alguma possessão espanhola, o requisito mínimo, e mais importante, era ser praticante da fé católica. Em caso de dúvida quanto à fé do estrangeiro, um novo batismo era realizado aos olhos dos espanhóis, pois não se confiava no batismo feito em terras neerlandesas, de certo modo, esse exemplo é apenas um reflexo de como se olha com desconfiança todo e qualquer estrangeiro. No caso dos flamengos, esse novo batismo era mais frequente, dado o caráter desconfiado com todos aqueles que vinham de terras neerlandesas e que podiam ter alguma ligação com a ideologia calvinista. De certa maneira os flamengos não eram os mais fiéis súditos do reino espanhol e da fé católica, visto os diversos piratas flamengos a serviço da coroa britânica. Um relato bastante interessante é o do “*guardião Flamengo da ponte que cruzava o rio Apurímac, estrutura de importância estratégica transcendental para o vice-reinado já que era a via que unia Lima a Cusco*”¹⁷, não se sabe seu nome, sua origem, ou o porque de ocupar tal cargo, sabe-se apenas que se tratava de um flamengo que contribuiu com preciosas informações aos corsários holandeses, quando estes começaram a rondar as terras espanholas na América, o ponto chave desse relato é o fator lingüístico que unia os

¹⁶ CHAMOT, Eduardo Dargent. *Presença Flamenga na América do Sul colonial*. Universidad San Martin de Porres, Lima – Peru, 2001. p-52. *Presencia Flamenca em la Sudamérica colonial*.

¹⁷ CHAMOT, Eduardo Dargent. *Presença Flamenga na América do Sul colonial*. Universidad San Martin de Porres, Lima – Peru, 2001. p-61. *Presencia Flamenca em la Sudamérica colonial*.

“*pichilingues*”¹⁸, como eram chamados os holandeses pelos espanhóis, e os seus vizinhos flamengos. Além dos piratas flamengos servindo aos interesses britânicos, e dos ‘flamengos-espiões’, que vão formar laços com seus irmãos holandeses, ainda há o caso daqueles que renegavam a fé católica ou eram considerado hereges, o próprio vice-rei Teodoro de Croix, quando ainda residia no México, ocupando um importante cargo público, foi intimado pelo tribunal da inquisição por ler alguns livros proibidos aos católicos. O caso do flamengo residente no Panamá, Juan de Bernal, acusado de ser luterano, que ao manter se fiel a sua fé, não seguindo os conselhos de seu advogado e enfrentando o tribunal, acabou queimado vivo em 1581.

Mas nem sempre a igreja católica agiu de forma abrupta com os nobres flamengos, visto que vários deles foram recebidos em terras da colônia seguindo os princípios religiosos de ordens católicas, para catequisar, construir, arquitetar, ensinar, e constituir um grande legado para as gerações futuras, principalmente nos estudos e nas artes. Através das missões, flamengos, chegaram a terras espanholas trazendo além das tradições católicas, a ilustração erasmiana digna dos Países Baixos e da região de Flandres. Um desses flamengos importantes para o processo histórico das terras americanas é o franciscano Joost Rijcke ou Jodoco Ricke, natural de Malinas, chegou à cidade americana de Tumbes em 1535 e em 1536 funda as bases para o monastério franciscano em Quito. “*A fama de civilizador de Rikce é tão grande que ao ler tudo o que se diz, é impossível descartar a ideia de que se está de frente a um herói mítico civilizador, no qual se mescla a realidade com a fantasia. É atribuída a Ricke no Equador a introdução do arado de bois, dos ladrilhos e das telhas, de varias plantas comestíveis, entre as quais se destaca o trigo, ao que outros opinam que foi o centeio. Guardava se em Quito uma copa na qual, segundo a tradição, trouxe o frade o cereal. Há aqueles que asseguram que foi Frei Jodoco que construiu a primeira cervejaria do novo mundo, algo que não nos deva surpreender, por ser esta bebida muito de acordo com os gostos flamengos.*”¹⁹ Além das funções religiosas, esses padres vão ser essenciais para a colonização cultural da América, implantando estilos artísticos, arquitetura, e transmitindo o pensamento do humanismo clássico por onde passavam.

Outros flamengos importantes em solo americano são aqueles que vão estar a serviço do exercito e da marinha, os conhecimentos tecnológicos presentes na sociedade neerlandesa, fazem com que marinheiros sejam buscados nessas terras, fora o caráter do exército mercenário, muito

¹⁸ Ibidem. p-61

¹⁹ CHAMOT, Eduardo Dargent. *Presença Flamenga na América do Sul colonial*. Universidad San Martin de Porres, Lima – Peru, 2001. p-82-83. *Presencia Flamenca em la Sudamérica colonial*

próprio dessa época. Esses mesmos conhecimentos tecnológicos levam artífices para a América espanhola e portuguesa, onde terão funções de suma importância.

Vê-se também uma ligação comercial entre colonos brasileiros e flamengos. Inicialmente, há o relato de um banqueiro da cidade de Antuérpia, flamengo e que possuía um engenho de açúcar, chamado São Jorge, e localizado na capitania hereditária de São Vicente, estava intimamente ligado com o comércio de açúcar, como todos os flamengos e holandeses. Os colonos portugueses na América utilizavam naus flamengas e holandesas, que eram “*mais capazes*”²⁰, são as conhecidas “*urcas flamengas ou até holandesas e zelandesas, que depois de 1575 vão adquirir papel cada vez mais assinalado no comércio com o Brasil.*”²¹. Visto que as urcas neerlandesas eram mais eficazes para o trabalho de ligação entre a metrópole e a colônia, eram essas naus na maioria das vezes as escolhidas para tal trajeto, colocando-se de lado as caravelas lusitanas, isso provoca a preocupação do rei que em 1605 proíbe através de uma lei régia, essas viagens feitas por estrangeiros com intuito comercial para a América portuguesa, o grande medo era que as caravelas portuguesas tornassem-se inutilizáveis, e quando fosse necessária a utilização destas, não haveria homens hábeis para o manuseio, além do medo que esses estrangeiros pudessem levar informações acerca da América ibérica para territórios inimigos, principalmente depois do tratado de utrecht, em que os países baixos tornaram-se inimigos das possessões ibéricas. Em todo caso temiam-se mais os holandeses que os flamengos, já que estes últimos permaneciam aliados à coroa espanhola e sob o jugo dos Felipes. Porém através desse fato percebemos que as terras neerlandesas possuíam um aparato de marinharia ativo, que poderia realizar trajetos como os das rotas atlânticas. O resultado obtido nessa operação é que o comércio entre Brasil, flamengos e holandeses ficou abalado. Mesmo assim, o comércio com urcas flamengas e holandesas continuou a fazer o trajeto entre Brasil e os Países Baixos do Norte, as províncias unidas neerlandesas “*atendendo a pedido de mercadores lusitanos estabelecidos em Amsterdã e considerando que seria de interesse das províncias unidas prosseguirem num comércio altamente lucrativo, confirmaram em junho de 1581 uma decisão já anterior, que possibilitara o referido intercâmbio. Por essa medida, a todo e qualquer português que assim o desejasse era dado, sem risco para a sua vida ou propriedade, livre trânsito nos Países Baixos do Norte, assim como residência e prática ali no comércio.* Nova

²⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de; PANTALEÃO, Olga. *Franceses, holandeses e ingleses no Brasil quinhentista*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (ORG) “História geral da civilização brasileira”. Tomo I: A época colonial. Volume I: Do descobrimento a expansão territorial. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2003. 13ª Edição. p- 184.

²¹ Ibidem. p-184.

*confirmação obtiveram-na os mercadores dos Estados Gerais em fevereiro de 1588, extensivas agora aos portugueses domiciliados, não apenas em Antuérpia, isto é, nos Países Baixos Espanhóis, mas também em outras terras.*²². Sobre essa atividade marinheira e intercâmbios comerciais participativos na colonização das Américas, será discutido nos próximos capítulos.

De todo modo, flamengo e holandeses estiveram presentes nas colônias ibéricas em América, mas até esse ponto eles não praticaram ativamente uma colonização no sentido amplo do termo.

Colonização holandesa nas Américas

Foi observado no capítulo anterior que os flamengos estiveram ativamente presentes em solo americano, em colônias espanholas e portuguesas, mas pode-se perceber também, que os holandeses, mesmo não se firmando em solo ibérico na América, como os flamengos, estiveram ativos nessa relação Europa-América. Utilizando sua arte de navegar, os holandeses aproveitaram o seu dom comercial para firmar-se em solo americano. Durante as próximas passagens serão esclarecidos esses dois pontos principais que caracterizam a colonização holandesa: a navegação e o comércio.

Desde muito antes da descoberta das Américas, a Holanda estava ligada à água salgada, as aventuras no mar, a pesca, a tecnologia marítima e a arte da guerra naval. Da mesma forma o interesse comercial interligava diretamente os diversos territórios do mundo europeu através do que foi chamado por ‘associações comerciais’. De fato, o crescimento desse aporte navegador, atendido por essa sede comercial, faz com que os holandeses conheçam o atlântico o índico e o pacífico, e colonizem várias paragens mar afora.

Compreende-se que o ‘lançar-se ao mar’ holandês, não foi em sentido de aventura, a busca de novos territórios, ou de realizar uma colonização com cunho religioso. Mas pelo contrário, todas as rotas galgadas através dos oceanos pelos holandeses, já constavam como de conhecimento dos mesmos, já tinham sido descobertas, nelas já havia feitorias e vilas, portuguesas e espanholas. Ou seja, a Holanda apenas seguiu uma colonização já feita inicialmente por outros colonizadores, buscando sempre espaços já colonizados, onde já havia uma base de produção e comércio formado. Buscavam sempre núcleos de povoamento, ou um

²² Ibidem. P - 185-186.

forte abandonado, uma estrutura física-social pré-construída, ou então, dependendo da ambição e do lucro, uma capital já estruturada.

O Mar holandês

Durante grande parte do processo histórico holandês, a sua economia estava voltada para o mar, inicialmente para a pesca e depois para as ligações comerciais que iam do Mar Báltico a Cabo Verde, entrando pelo mediterrâneo até as costas da Turquia e Palestina. Muitas dessas viagens eram organizadas por mercadores neerlandeses das cidades de Amberres e de Amsterdã. Em outros casos os barcos eram contratados por mercadores de várias outras nacionalidades, dessa forma, alugando as ótimas embarcações para transporte de cargas a serviço de portugueses e espanhóis que os navegadores holandeses chegaram às terras além dos mares europeus. Conhecendo as rotas, os sistemas de ventos e navegação e os territórios formados, os holandeses, preparados com as mais bem feitas embarcações, e apoiados segundo as companhias comerciais daquele país, lançam-se ao mar em busca de um objetivo único: comercializar.

Mar de Arenques – A economia neste trecho do norte da Europa, em períodos que a agricultura não florescia, e que o inverno secava a terra, dirigia-se ao mar, mas especificamente, para a pesca de arenques e outros pescados. O arenque de certa maneira tornou-se um símbolo holandês, e sua produção e conservação dependiam do sal extraído da salina portuguesa de Setúbal. Tal pesca exigia um grande grau técnico, visto que o mar norte impunha difícil navegação no inverno. Desta forma, a navegação neerlandesa surgiu e se especializou.

Mar Tecnológico – Quanto a essa especialização, a partir do século XVI, é sabido que com o desenvolvimento da pesca e do comércio, os neerlandeses em seus estaleiros vão construir barcos específicos para cada tipo de atividade, existia o barco para pesca na Groelândia, os grandes barcos comerciais que deveriam estar preparados para suportar o frio da Sibéria e o calor da costa africana, as pequenas embarcações pesqueiras da região, as naus de guerra. De certo é afirmar que na Holanda fomentou-se um incrível desenvolvimento tecnológico da navegação, superando em larga escala o grau de desenvolvimento visto nas naus portuguesas.

Mar de Serviços – Esses barcos, não eram somente produzidos para satisfazer a navegação e o comércio Holandês, eles eram contratados por outras nações para o transporte de mercadorias. Essa prestação de serviços efetuada pelos holandeses inicia-se com o próprio

comércio pelos mares da Europa. No final do século XVI, com uma demanda de navegação colonial crescente, aumenta-se o fluxo de contratação dos barcos holandeses. É necessário ter em mente que capitão e tripulação presente nesses navios eram de origem neerlandesa. Dessa forma, os holandeses conheceram as feitorias e postos comerciais europeus nos novos mundos e finalmente tiveram contato com as cartas geográficas secretas pertencentes a Portugal, divulgando-as pelos Países Baixos. Assim as companhias são criadas para a participação ativa dos holandeses nesse comércio transoceânico, repetindo principalmente a rota de colonização portuguesa, estabelecendo feitorias próximas às feitorias deste Império em África e Ásia.

Mar de Guerras – “*A Holanda foi mais temida no mar que em terra para as nações colonialistas dos séculos XVI e XVII*”²³, bem visto o impressionante número de 16.000 mil embarcações holandesas pelos mares do mundo, sendo a Holanda vista no início do século XVII como a maior potencia mundial. Pode-se observar que a guerra contra a Espanha beneficia o exército e a navegação holandeses: 1º - O crescimento tecnológico das urcas holandesas especializadas na arte da guerra; 2º - Espanha sai enfraquecida dessa guerra, com a legitimidade da independência holandesa o seu poder decresce na Europa; 3º - Durante a guerra, uma das estratégias, era interceptar todo e qualquer navio espanhol em qualquer mar do planeta, ao acontecer tal fato nas rotas América-Europa, os holandeses colocavam suas mãos sobre os preciosos baús de ouro e prata espanhóis extraídos das minas sul-americanas.

Mar dos Marinheiros e dos Mercenários – Nas embarcações holandesas formaram-se os principais marinheiros da Europa, estes que eram contratados para participar de expedições de reconhecimento e exploração dos territórios recém descobertos pelas duas nações ibéricas, da mesma forma, por muito tempo os especializados guerreiros holandeses do mar, foram contratados como mercenários por Portugal e Espanha para que se fizesse a defesa dos seus respectivos territórios coloniais. Esses marinheiros e mercenários levaram muito desse conhecimento sobre tais terras para os Países Baixos.

A sedutora América e as sociedades de Ações.

²³ CORDOVA-BELLO, Eleazar. *Compañias Holandesas de Navegación, agentes de la colonización neerlandesa*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1964. P-18.

Agora se sabe como as Províncias Unidas descobrem as colônias europeias em América e outras feitorias pelo mundo. E ao usar a sua ampla capacidade navegadora, modificaram as relações entre metrópole e colônia e interferiram de modo direto nas colonizações portuguesas e espanholas. De certo, após a fixação das colônias ibéricas em América, todos os outros países europeus que vão começar a se dedicar a este objetivo colonizador, acabam por interferir direta e indiretamente no processo histórico dessas possessões bem estruturadas. Holandeses, ingleses e franceses, principais agentes da colonização americana, após espanhóis e portugueses, modificam a paisagem de territórios não ocupados por estes últimos, constroem fortificações, implantam comércio, agricultura, algumas vezes pirataria, contrabando, e cada vez mais criam conflitos que ora estendem-se no sentido Europa-América, ora no sentido América-Europa. Grosso modo, essa é uma época de transformações, na América há momentos de vacas gordas e outros de depressão, que transformam a cara das colônias. Na Europa, a formação dos Estados, as guerras religiosas, seguidas pelas revoluções inglesa, francesa e as guerras napoleônicas abalam as estruturas políticas das metrópoles, todavia, não procurar-se-á aqui discutir as transformações políticas da Europa, apenas quando essas transformações alteram as relações existentes nas Américas.

Em especial a colonização holandesa, de início foi efetivada através de um sistema de pirataria e em seguida adota-se o sistema das companhias comerciais das Índias Ocidentais, tal Cia. deveria dedicar-se a colonização baseada principalmente da realizada no Brasil, porém observa-se que na maioria dos casos, a colonização holandesa seguiu sempre em direção ao lucro, algumas vezes dá-se a entender, que os holandeses buscavam hostilizar a Espanha, outras vezes a colonização holandesa mostra-se bem estruturada politicamente, mas na maioria das vezes tal processo mostra-se desleixado, a metrópole não se interessa em construir um império, povoar, ou simplesmente produzir em terras americanas, não se interessam pela agricultura e muito menos em implantar a sua cultura e religião nas colônias. Aos poucos, através dos próximos relatos, poderá ser visto como a colonização holandesa se dá de modo tão diferente de norte a sul das Américas.

O filibusterismo – Pirataria lucrativa e defesa dos interesses nacionais - A partir dos serviços prestados aos ibéricos, os holandeses alcançam a América, e junto com eles, o desejo pelo comércio e pelo lucro, muito construído pelos relatos das magníficas terras além-mar, terras que produziam ouro, prata e madeira para construção de navios, onde poderiam se comercializar com indígenas e colonos desprovidos de auxílio de suas respectivas coroas. E assim a sedutora

América encanta os burgueses das Províncias Unidas que vão a busca de riquezas rápidas no mar atlântico.

Estava feito assim o convite, assim como uma sereia conduz o navio e sua tripulação para o naufrágio, os holandeses foram se enamorando pelo Novo Mundo. E então pequenas frotas dedicam-se ao filibusterismo, ou seja, não eram apenas operações piratas que se dedicavam ao simples assalto em busca de presas, mas, além disso, buscavam defender os interesses políticos do Estado. A guerra ainda ativa com a Espanha, leva a interceptação dos galeões com bandeira espanhola, e com o saque destes encontram-se os tão desejados metais preciosos que eram repartidos conforme um código secreto. Assim, ao mesmo tempo o filibusterismo intimidava e enfraquecia o poder espanhol na Europa e na América.

A primeira Companhia das Índias Ocidentais e os ideais de Guillermo de Uselinx – Em 1551, ainda em terras neerlandesas, abre-se uma bolsa de valores que aceitava investimentos de mercadores de todas as nações sem restrições, e mesmo após a guerra de separação, tal medida continua em vigor. Além da bolsa surgem as primeiras sociedades de ações em terras holandesas, sendo a primeira a *Moscovie Company* em 1554, formada por 240 ações de 25 libras cada, realizava viagens comerciais com destino a Prússia, os lucros eram divididos em partes iguais. Esse tipo de sociedade não estimulava a competição, mas sim algo mais lucrativo, o auxílio mútuo entre comerciantes. Assim as primeiras companhias comerciais começaram a ser fundadas, sendo uma delas a Companhia das Índias Ocidentais, idealizada por Guillermo de Uselinx, comerciante navegador que esteve em solo americano diversas vezes. A princípio Guillermo acreditava que no Novo mundo pudessem ser criados colônias de agricultores com o objetivo de sustentar a Europa, para ele o grande exemplo a ser seguido era a colônia portuguesa do Brasil, acreditava também que a riqueza não estava em metais preciosos, mas na produção de gêneros básicos a subsistência, Uselinx propunha então a tomada de possessões espanholas e portuguesas, dava o exemplo da tomada da Guiana com o objetivo de povoá-la com famílias alemãs e dos Países Bálticos, sugestão essa que não foi aprovada pelo Estado Holandês que na época queria manter a trégua dos doze anos, para ele “*a nova colônia estava destinada a ser um bem para os perseguidos, um refúgio para a honra das mulheres e filhas dos expulsos de seus países pela guerra e pelo fantasma religioso, e uma benção para o homem do povo e para todo o mundo protestante*”²⁴. Sobre o trabalho empregado nessas colônias, Uselinx pensara num sistema em que

²⁴ CORDOVA-BELLO, Eleazar. *Compañías Holandesas de Navegación, agentes de la colonización neerlandesa*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1964. P-203.

os ameríndios seriam trabalhadores assalariados, e pela sua análise sobre as colonizações na América ele percebe que *“nas Índias se executam a maior parte do trabalho por meio de escravos que custam muito, trabalham com resistência e morrem logo que sofrem maus tratos de seus amos, estava seguro de que seria muito proveitoso o uso de um povo livre; Além do mais, o escravo não deixa outro proveito que seu trabalho, porque sendo desnudo, nada adquire e nem necessita das industrias”*²⁵. Essas eram as idéias de Guillermo de Uselinx, militante calvinista que tinha por objetivo ver uma colonização holandesa nas Américas, de certo modo a Cia. saiu do papel a 3 de Julho de 1621, porém seus ideais não foram alcançados, e nem se tentou colocá-los em prática.

Os fracassos das ideias de Uselinx se dão porque, o que seria produzido em colônias holandesas poderia ser comprado da Espanha e de Portugal a um menor custo que o processo de colonização, *“por essa febre do lucro, a Holanda de fins do século XVI e do XVII desperdiçou na América a oportunidade que brindava a sua organização naval e seus incalculáveis recursos econômicos, para assentar as bases de um império colonial”*²⁶, assim a pirataria continuaria sendo a atividade mais lucrativa para os holandeses, apenas entre os anos de 1632 e 1636 a Cia. Capturou 542 barcos inimigos, para esse bom serviço, estavam a serviço da Cia. 800 barcos e 67.000 marinheiros e soldados.

Além disso, para a colonização ser efetuada, teriam que lidar com os indígenas americanos não tão desenvolvidos socialmente quanto os asiáticos, e que o clima tropical americano não servia para a produção das especiarias asiáticas. Tabaco e açúcar eram os principais produtos cultivados nesse clima. Ainda assim, durante os séculos XVI, XVII, XVIII e princípios do XIX, as índias ocidentais eram mais valiosas que as índias orientais, além desses mesmos produtos cultivados em solo americano, a viagem a esse continente era mais rápida que às índias asiáticas, fazia-se ali a interceptação de galeões espanhóis e realizava-se o apresamento de seus carregamentos, era também o lugar de escoamento para a produção holandesa não consumida no oriente, e o lucrativo comércio de escravos, visto que no oriente não se compravam escravos. Portanto, apesar do não seguimento dos ideais de Guillermo de Uselinx, a companhia das índias ocidentais agiram no atlântico de melhor forma que a Companhia das índias orientais agiram no índico e no pacífico. Lembra-se aqui que a Companhia das índias ocidentais agia tanto

²⁵Ibidem. P-203.

²⁶ Ibidem. P-34.

em solo americano quanto em solo africano fornecendo escravos para as colônias no Novo Mundo.

África, feitorias, e comércio escravo nas Américas – Desde o século XVI, neerlandeses freqüentavam a costa africana, e com o aumento da circulação em mares atlânticos no início do século XVII, a Holanda toma posse de um pequeno trecho na Guiné, onde neste local construíram o forte Nassau, a partir daí, holandeses passam a ocupar diversos locais no litoral da África, durante a ocupação do Brasil na década de 1630, se conquistaram importantes territórios como São Jorge de Minas, a ilha de São Tomé e Angola, de certo a posse de terras na África gerou inúmeros conflitos entre as nações colonizadoras, porém não cabe aqui se estender nesse assunto.

O importante é perceber que a partir desse ato inicial, a Holanda passa a ser um importante distribuidor de escravos africanos no Novo Mundo, ou seja, o comércio de escravos será um dos motores principais para a colonização da América. Existiram três rotas principais do comércio escravo Holandês: Uma rota que seguia para Curaçau, onde dali partiam os escravos para a Guiana, Venezuela, Colômbia, Costa Rica, e Caribe, o trato nesta área aumenta em consequência da retirada holandesa do Brasil. Uma outra rota, ia a direção do Brasil, esta permaneceu ativa até 1654, ano de expulsão dos holandeses de Pernambuco. E uma terceira era vista na Nova Amsterdã que também servia de entreposto comercial para os colonos ingleses da Virgínia.

Esses escravos foram deveras usados nas colônias holandesas, principalmente no Brasil, quando em meados de 1630, os colonos naturais da Holanda conservavam certa aversão escravidão, um tanto influenciados pelos ideais liberais do comércio, assim como o visto no pensamento de Guillermo de Uselinx, e também pelos ideais calvinistas. Porém com o tempo, a escravidão em território holandês era vista como uma característica comum àquela sociedade, os grandes exemplos estão explícitos na quantidade de escravos presentes no Suriname e em Curaçau.

A Nova Amsterdã - Utopia em Manhattan – É interessante observar a ‘descoberta’ feita pelos holandeses da Companhia das Índias Orientais Holandesas, efetuada no mesmo ano em que ocupam o trecho da Guiné no litoral africano. Em 1612 uma pequena frota das Províncias Unidas, liderada pelo Capitão inglês Henry Hudson, procurando uma rota mais segura ao oriente do que o Cabo da Boa Esperança, adentra pelo rio que atualmente têm o nome em sua homenagem. Antes da ocupação da região, em 1620, os comerciantes holandeses começaram o trato de escravos com

produtores ingleses de tabaco instalados na Virgínia. Esse exemplo mostra o caráter comercial da colonização exercida pelas Províncias Unidas na América. Os próximos a entrar nesse enlace comercial foram os indígenas, na região não havia ouro e nenhum tipo de metal precioso, mas o que chamava a atenção dos ostentosos holandeses era a grande quantidade e a maravilhosa qualidade das peles adquiridas nessa localidade.

Precedendo as 13 colônias inglesas, este território foi comprado pela companhia das índias ocidentais por um preço ínfimo acordado com os indígenas da região, sendo a partir daí conhecido como Nova Amsterdã. A pequena ilha de Manhattan em particular, era uma região inóspita, desértica, selvagem, e nada convidativa, um verdadeiro pântano insalubre. Porém detinha uma importância geográfica singular, ocupava a foz do rio Hudson, formado a partir dos Grandes lagos e era um excelente porto natural. Controlar a foz do rio significava controlar a entrada de produtos com destino ao interior, da mesma forma, este território permaneceu sendo um entreposto comercial holandês entre África e as colônias inglesas do sul.

E é a partir de 1625 começa uma rápida ocupação holandesa na região que se estendia desde do que é atualmente a cidade de Albany ao norte, até a baía de Delaware ao sul, o que hoje é reconhecido pelos estados norte-americanos de New York, New Jersey, Connecticut, Pensilvânia e Delaware. Desde cedo a colonização foi feita com o assentamento de famílias holandesas, e de outros povos europeus. O número de estrangeiros chegou a conformar 50% da população, dando vida a uma verdadeira Babel, que reunia além dos holandeses, os ingleses, escoceses, dinamarqueses, suecos, noruegueses e alemães.

Porém essa colônia saía da rota lucrativa do filibusterismo contra galeões espanhóis, por isso mostrava-se não ser muito vantajosa aos interesses da metrópole, e negava o constante caráter de guerra contra a bandeira da Espanha, ou seja, a colônia na América do norte não servia aos interesses imediatos das Províncias Unidas, e então aos poucos a colônia passou a ser abandonada pela Companhia das índias e pelo governo holandês. Os imigrantes começaram a fazer uma ocupação mais ofensiva e começam a surgir as constantes desavenças entre calvinistas e luteranos. Em 1664 os ingleses tomam Nova Amsterdã, chamando-a de Nova York, em 1665 começa a segunda guerra anglo-holandesa dando motivos para que em 1667 as Províncias Unidas cedessem efetivamente a colônia de Nova Amsterdã aos Ingleses através da “Paz de Breda”. Acabava-se aí a utopia do povoamento em Manhattan, porém a população das 13 colônias

inglesas durante o século XVII e início do XVIII continuou sendo ¼ composta de estrangeiros, na maioria deles holandeses e suecos.

Saberes adquiridos na Nova Holanda – Conquista e colonização do Brasil – Países Baixos e Portugal sempre mantiveram um bom contato comercial, até o momento em que os reis espanhóis, durante a união ibérica, bloquearam o comércio entre os dois países, com a trégua dos doze anos (1609 -1621), o comércio foi restabelecido, e os holandeses puderam novamente entrar em contato ‘legal’ com terras brasileiras, aumentando assim, o número de embarcações neerlandesas em portos, principalmente os da Bahia e de Pernambuco, grandes centros comerciais da época e ao mesmo tempo grandes produtores de açúcar. Durante esse período 50.000 caixas de açúcar foram levados de terras portuguesas aos Países Baixos do Norte. E em 1621, ao final da trégua e retomada da guerra, e conseqüentemente do bloqueio imposto pela Espanha, e da criação da Companhia das Índias Ocidentais, os holandeses decidem tomar o Brasil.

Numa “*ação planejada*”²⁷, os holandeses atacam a Bahia em 1624, porém são logo expulsos por forças espanholas e portuguesas, o mesmo não acontece no ataque a Pernambuco em 1630, “*a principal e mais rica região produtora de açúcar no mundo de então. Existiam aí e nas capitâneas vizinhas, mais de 120 engenhos, que, nas melhores safras, davam mais de mil toneladas do produto*”²⁸, ocupam-se Olinda e Recife facilmente, mas na zona rural onde habitavam os grandes produtores, a conquista se dá com dificuldade, da mesma forma na restauração, a zona rural é rapidamente anexada pelos portugueses ainda em 1645, enquanto que a zona urbana só será restaurada em 1654.

A colônia de Nova Holanda continuou a sua expansão no Brasil sob a administração do “*Governador, Capitão e Almirante-General das terras conquistadas ou ainda por conquistar pela Companhia das Índias Ocidentais no Brasil, assim como todas as forças de terra e mar que a Companhia aí tiver*”²⁹, ou apenas Conde João Maurício de Nassau, onde além de Pernambuco outras mediações foram conquistadas como Sergipe e Maranhão.

²⁷ GONSALVES DE MELLO, José Antônio. “*O domínio holandês na Bahia e no Nordeste*”. IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (ORG) *História geral da civilização brasileira*. Tomo I: A época colonial. Volume I: Do descobrimento a expansão territorial. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003. 13ª Edição. P- 262.

²⁸ Ibidem. p- 262

²⁹ Ibidem. p- 264

De certo um grande administrador, mente renascentista, tolerante com católicos foi comparado a santo Antônio, tolerou estrangeiros e portugueses. A tolerância aos costumes portugueses, como o catolicismo e a escravidão, foi motivada pelo simples fato de que não seria possível mudar as relações sociais de uma forma tão brusca, então, concessões foram feitas aos costumes e práticas lusitanas, principalmente no meio urbano. Quanto aos judeus, mesmo que se mostrasse uma certa repulsa por parte de católicos e protestantes, nada estes últimos poderiam fazer, já que os israelitas estavam sob a proteção do governo holandês por formarem uma comunidade economicamente muito poderosa, tão poderosa que tal repulsa acredita-se, não seja causada por motivos religiosos, mas por motivos da ordem econômica, já que ao chegar no Brasil, os Judeus começaram a montar suas bancas de empréstimo e comércio, disputando assim a clientela holandesa.

A colonização teve um caráter comercial, não que isso tenha evitado o crescimento da produção de açúcar, porém na colonização portuguesa, a aristocracia rural detém maior destaque na pirâmide social do Brasil. O que não é visto na colonização holandesa onde os setores comerciais urbanos alcançam um maior status na sociedade. De certo, há um investimento em Recife, Olinda e na Cidade Maurícia, construída e planejada pelos holandeses, construíram-se pontes, diques, praças, jardins públicos tudo no modelo holandês, apenas fugia a regra uma igreja francesa, e o governador fez o zoológico, o museu de belas artes, o jardim botânico, incentivou as ciências e artes, reformando-se assim aquilo que os holandeses chamaram de “*Burgos Tristes*”³⁰.

A escravidão foi mantida mesmo contra os princípios calvinistas, e durante 1630 e 1635 enquanto se colocava em prática a ocupação holandesa, instalou-se na colônia o que se chamou de “*Estado Anárquico*”³¹, ou seja, uma fuga em massa de escravos para os mocambos, principalmente os mocambos dos palmares. Nada foi feito a favor dos escravos, sabe-se que até a expulsão dos holandeses, grande parte do trato de escravos realizado pelos mesmos, tinha como único destino à Nova Holanda Brasileira.

Depois de inúmeras batalhas para defesa da colônia, e com a entrada da Holanda na primeira guerra contra a Inglaterra em 1652 pelas rotas comerciais na América, surge em 1654 a grande oportunidade de tomada do Brasil pelas forças portuguesas, os holandeses não mostram

³⁰ GONSALVES DE MELLO, José Antônio. *Tempo dos Flamengos – Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks UNIVERSIDADE Editora, 2001, 4ª edição. P- 39.

³¹ Ibidem. P- 186.

resistências, e da colônia em Pernambuco só sobram as experiências e saberes adquiridos sobre a plantação, cultivo e refino do açúcar, que brevemente serão utilizados no Caribe holandês.

Curaçau – O coração rubro nas Américas e as outras pequenas Antilhas – Em 1499-1500, os holandeses passaram pela primeira vez diante da ilha de Curaçau e viu-se nela o que futuramente seria o seu objeto de desejo. Como já discutido aqui, para a produção de Arenque, os holandeses necessitavam do sal vindo de Setúbal em Portugal, com o bloqueio comercial imposto pela Espanha, os holandeses não puderam buscar o tão estimado sal português, então lembraram das Antilhas, de uma em especial, na costa venezuelana chamada pelos portugueses de Curaçau, conta-se que ali, marinheiros moribundos de um navio português foram tratados e ficaram de repouso, alcançando assim a cura, Curação, este é o primeiro nome da ilha, que após dominação espanhola e holandesa passou ser conhecida como Curaçau.

As pequenas ilhas caribenhas, ou ‘ante-ilhas’(antilhas), não foram valorizadas pelos espanhóis, primeiramente por não oferecer ouro, depois pelo fato da grande agressividade indígena dessa região, os índios Arawaks e Ciboney eram mais temidos que os índios das grandes ilhas, além de não possuírem água potável, todas as forças e energias espanholas estavam dirigidas as conquistas no continente.

São seis as ilhas colonizadas pelos holandeses, as ilhas de barlavento ou ABC – Aruba, Bonaire e Curaçau –, e as ilhas de sotavento – San Martten, Saba e Sant Eustáquio. De fato a partir de 1625 inicia-se a colonização das pequenas Antilhas pelos franceses, ingleses e holandeses. A primeira ilha a ser conquistada pelos zelandeses é a de Sant Eustáquio em 1632, logo após, em 1634, o navegador holandês Johannes Van Welberck tomou Curaçau, a conquista se deu facilmente já que haviam apenas 32 espanhóis e alguns indígenas na ilha, era de certo um dos melhores portos da região e um ótimo ponto para combate aos espanhóis, fortificaram a ilha e em 1636 tomaram as ilhas vizinhas de Aruba e Bonaire. Em 1640 conquistam a ilha de Saba, esta não possuía porto, mas penhascos que ajudavam na defesa, e por último em 1648, tomaram a ilha de San Martten, muito valorizada, com ótimas salinas e de fácil penetração, foi dividida entre holandeses e franceses. Pensaram tomar também a ilha de Sant Thomaz, mas voltaram atrás pela falta de defesa da ilha. Em 1642 já residiam nas Antilhas 100.000 europeus.

Os ingleses e franceses buscam na América uma nova oportunidade de vida, um refúgio para a liberdade de religião, porém “*os holandeses, no entanto, vieram como comerciantes e intermediários. Eles não tinham um desejo real de constituir novos lares ou mesmo um império* –

*já haviam lutado pela liberdade e pela tolerância na Europa e haviam vencido – Mas desejavam encontrar um mercado para o seu comércio crescente, e um meio de utilizar o seu poderio marítimo que havia crescido enormemente durante a sua longa luta contra a Espanha*³². De fato, a chave para entender a importância das Antilhas para a Holanda é o comércio. Exemplificando, em 1601, 108 urcas neerlandesas dirigiram-se a Curaçau e a costa venezuelana, mas especificamente na região das salinas de Cumaná, buscavam o sal, mas ao mesmo tempo contrabandeavam produtos europeus para essa região, e como um coração holandês no centro da América, bombeava produtos para toda região do Caribe. É preciso entender, que durante este período havia pouca vigilância espanhola nos mares daquela região, ao mesmo tempo, a Espanha não fazia uma distribuição comercial freqüente para os colonos. Grosso modo, estava unido então o útil ao agradável, os holandeses traziam produtos vindos da Europa e da África, como tecidos e escravos.

E assim Curaçau e as Antilhas tornaram-se verdadeiros centros distribuidores de contrabando para a América espanhola, portuguesa e inglesa. Usavam a insatisfação dos crioulos para manter o contínuo contrabando, desarticulando as províncias, forneciam material bélico para rebeliões em posses espanholas. Muitas vezes as patrulhas venezuelanas entravam em combate com os contrabandistas holandeses, mas se sabe que “*o contrabando chegou a constituir uma instituição fonte de corrupção das autoridades metropolitanas encarregadas da vigilância na América*”³³. Curaçau também se tornou um estaleiro para a construção de navios de guerra, aumentando assim o número de ataques à costa venezuelana, não como filibusterismo, mas como expedições armadas para a tomada das regiões inabitadas, forma-se uma influência naval muito forte sobre os territórios espanhóis do caribe, tanto que quando os espanhóis procuram defender seus territórios e repreender o contrabando através das chamadas ‘patrulhas venezuelanas’, os próprios comerciantes crioulos não aprovam tal medida, pois estes obtinham muitas vantagens em manter o comércio com os holandeses.

Vê-se então que o contrabando atingiu escalas estratosféricas, a Venezuela fornecia produtos agrícolas como cacau e couro e Curaçau produtos industrializados, até que em 1638

³² HANSON HISS, Philip. *Índias ocidentais holandesas – Curaçau e Surinam*. IN: LANDHEER, Bartholomeus (ORG). “A Holanda”. Rio de Janeiro: Seção de livros da empresa gráfica O Cruzeiro S.A. 1947. P- 382.

³³ CORDOBA-BELLO, Eleazar. *Compañias Holandesas de Navegación, agentes de la colonización neerlandesa*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1964. P-115.

Curaçau passa a ser o principal centro distribuidor de mão de obra escrava no Caribe, entre 1650 e 1750 chegaram a Curaçau, vindo da Angola e da Guiné 20.000 escravos por ano. Até o ano de 1654, Curaçau figurava apenas como intermediário no mar caribenho, entre a África e o norte da América do sul, Costa Rica e Santo Domingo, quando holandeses e judeus portugueses expulsos do Brasil aportam nas pequenas ilhas trazendo consigo o cultivo do açúcar, desenvolveram a agricultura e o comércio, e com o assentamento de famílias começa o trabalho escravo, novamente nada se faz a favor do escravo, a igreja calvinista procura convertê-los e durante os séculos XVII e XVIII, chegam à ilha jesuítas e franciscanos venezuelanos que instalaram o *'matrimonium clandestinum'*, já que aos escravos era proibido o matrimônio, mas nada mudaria a situação social do escravo, até que em 1795 realiza-se uma revolução escrava aos moldes da ocorrida no Haiti, porém não alcança sucesso. Interessante expor que nas Antilhas havia dois tipos de escravos: os particulares, empregados em serviços domésticos e na agricultura; e os escravos do Rei, empregados na desgastante exploração das salinas e nos serviços públicos. No momento da abolição da escravatura, em 1863, havia 6.751 escravos em Curaçau.

Em 1775, durante a independência das colônias inglesas na América do norte, as ilhas de Sant Eustáquio e Curaçau desempenharam importante papel como porto de transbordo de insurretos e de abastecimento das colônias rebeldes, tal iniciativa levou a um grande progresso a essas ilhas, porém a ilha de Sant Kitts, que fica a vista do porto da ilha de Sant Eustáquio, era uma possessão inglesa, e de lá os ingleses perceberam o indesejado comércio com navios de bandeira Norte-americana, de início a Inglaterra não assumiu a guerra prontamente, de fato já estavam ocupados demais com as guerras com os Estados Unidos e a França, mas em 1780 inicia-se a quarta guerra anglo-holandesa, onde as Antilhas Holandesas foram tomadas pelos ingleses. Ao desembarcar no porto de Sant Eustáquio e espantado com a quantidade de contrabando, o governador inglês da ilha de Sant Kitts, Almirante Roodney exclamou "*Se não fosse Sant Eustáquio a revolução Americana não poderia se manter*"³⁴. Com o fim da guerra anglo-holandesa as Antilhas e o Suriname ficaram destruídos e tornaram-se posses britânicas, começa então as guerras napoleônicas, e com a conquista francesa sobre os holandeses forma-se a República da Batávia, levando o antigo Caribe holandês às mãos francesas. Já em 1806 Luiz Bonaparte torna-se Rei dos Países Baixos, em 1813 após a revolta da Holanda, Guillerme de

³⁴ HANSON HISS, Philip. *Índias ocidentais holandesas – Curaçau e Surinam*. IN: LANDHEER, Bartholomeus (ORG). "A Holanda". Rio de Janeiro: Seção de livros da empresa gráfica O Cruzeiro S.A. 1947. P- 389

Orange é coroado Rei Guillerme I, com a assinatura em 1814 do tratado de Paris, as Antilhas e o Suriname voltam a ser possessões holandesas nas Américas, porém sem aquele vigor de antes. Com o comércio arruinado, e a queda de produtividade, abandonam-se as fazendas e Curaçau passa por uma grave crise de fome em 1816, que termina com a abolição do comércio escravo em 1819.

Domando a Costa Brava – Suriname, um mosaico étnico na Américas - A ‘costa brava’ foi descoberta por aventureiros espanhóis que seguiam a rota de Colombo, e foi no ano de 1593, sob boatos de fabulosas riquezas, que Domingo de Vera toma posse das Guianas em nome da coroa espanhola, a partir daí até 1683, a costa brava permanece indomada. A área da costa brava estendia-se desde o Orinoco e o Rio Negro a oeste, ao sul com o Amazonas, ao norte e leste com o atlântico, e obteve o título de ‘brava’ pelo simples fato de ser baixa e insalubre, impossibilitando a colonização no litoral. De fato durante esse grande espaço de tempo algumas povoações foram fundadas com Berbice em 1627 e Esequibo em 1632, todas nas margens de rios, nunca no litoral propriamente dito.

Em 1615, os primeiros holandeses desembarcam perto da foz do rio Surinam e constroem uma pequena feitoria, mas logo abandonam a região, o mesmo aconteceu com os ingleses em 1630 e 1650, com os franceses em 1640, e com os Judeus portugueses que chegam em 1666 trazendo com eles o cultivo do tabaco e do açúcar.

Após a segunda guerra anglo-holandesa iniciada em 1665, e da Paz de Breda em 1667, é acordado que toda a costa brava passa a ser posse das Províncias Unidas, mas particularmente da província holandesa da Zelândia, enquanto a Nova Amsterdã na foz do rio Hudson torna-se colônia britânica. Então, neste mesmo ano ao dia 26 de fevereiro, o capitão holandês Abraham Crijnsen conduz a sua frota pelo rio Surinam.

A segunda Companhia das Índias Ocidentais compra a costa brava dos zelandêses no ano de 1682, e cede terça parte do direito da colonização à cidade de Amsterdã e terça parte à família Van Aerssen. Em 1683, embarca rumo a Guiana o futuro governador Aerssen Van Sommeldjik, e até a sua morte em 1698 a costa brava encontrava-se domada. Ao chegar naquele mesmo ano na América do sul deparou-se com uma colônia composta por 27 casas, sendo mais da metade, lojas de bebida, e o forte Zelândia ocupado por marinheiros e soldados que viviam umas vidas sossegadas. O governador então começou sua grande revolução, organizou expedições fazendo com que a Companhia se instalasse de fato em todas quatro principais regiões, Surinam,

Esequibo, Demerara e Berbice, venceu as guerras contra os indígenas, expandiu a colonização, fundou núcleos de povoamento e fomentou a imigração.

Na década de 1680 começa então uma relação de amor e ódio entre holandeses e índios caribes, os primeiros realizavam ataques planejados contra embarcações com bandeiras espanhola e portuguesa, para cativar os indígenas, e estes vendiam escravos capturados em guerras tribais, principalmente contra os Poytos, para os holandeses. Isto gera um clima de amistosidade entre ambas as partes, e por muito tempo holandeses e caribes seguem aliados na escravização de indígenas. Os caribes passam a viver nas periferias das plantações holandesas, capturando escravos que tentassem a fuga. Porém, a sede de lucro e a ganância holandesa fazem com que o estoque de mão de obra escrava seja desviado para o contrabando com o Brasil, começa então o processo de escravidão dos índios caribes. Esta atitude gera descontentamento, e diversos ataques são realizados contra os holandeses, enfim, estoura uma verdadeira guerra civil que termina com a morte do governador Sommeldjik em 1698. Ao final da luta há um notável decréscimo da população indígena e um grande aumento da população escrava africana vinda da Angola, do Congo e de Senegal, ao mesmo tempo em que se implanta o cultivo de algodão.

Em 1712, a capital Paramaribo é tomada pelos franceses liderados pelo capitão Jacques Cassard, tal ato torna-se oportunidade para fuga e revolta escrava, indígena e africana, aos colonos holandeses altos impostos são cobrados, todos esses fatores contribuem para o abandono das propriedades pelos seus proprietários. Porém no mesmo ano é pago o resgate, em mercadorias e escravos, avaliado em 747.350 *florins*.

Os escravos fugidos começaram a partir de 1730, a intensificar as insurreições contra os colonos, e estes em menor porcentagem demográfica acumularam derrotas em condições humilhantes. Em 1749 assinaram a paz com os Saramaccas, quilombolas africanos assentados à margem do rio Saramacca, e em 1760, após fugirem para o forte, assinaram a paz, prometendo pagar tributos aos líderes dos Aukaners, estes em troca, deveriam prometer lealdade e a devolução de novos fugitivos, formando patrulhas e prestando serviços contra novas insurreições, contra este mal além das patrulhas de ex-escravos um verdadeiro exército mercenário foi contratado, seria então a brigada escocesa.

Com as guerras napoleônicas de fim do século XVIII, a derrota da primeira coligação faz com que as Províncias Unidas passem a formar a República da Batávia, e conseqüentemente tornam-se uma posse francesa, com a conformação da segunda coligação, os britânicos buscam

conquistar os territórios sob jugo francês fora da América, inclusive o Suriname no ano de 1799, três anos depois a partir da ‘Paz de Amiens’, o Suriname volta a ser posse holandesa, o que não dura muito tempo, pois dois anos mais tarde em 1804, os britânicos tomam posse mais uma vez das Guianas, impondo o fim do comércio escravo em 1806. Com o ‘Tratado de Paris’ em 1814, o Suriname volta a ser colônia holandesa, porém ao mesmo tempo o ‘Tratado de Londres’ transforma Berbice, Demerara e Esequibo em colônias inglesas.

A colonização holandesa persistiu, em 1863 os 36.484 escravos que ainda havia no Suriname foram libertos, e a partir da década de 90 do mesmo século, ainda sob pavilhão holandês, começam a chegar os primeiros imigrantes asiáticos, sendo na maioria deles, hindus, chineses de Hong Kong e javaneses muçulmanos, formando assim um mosaico étnico único nas Américas que persiste até hoje.

América abandonada – Com o início do século XIX, a América holandesa se vê abandonada. Além do final da rixa Províncias Unidas/Espanha, que cede espaço para guerras maiores, como as napoleônicas, descobre-se o real valor do açúcar de beterraba europeu, rival direto do açúcar produzido a partir da cana tropical. Outros fatores para o abandono da América são, a modernização dos navios, que passam a ser a vapor, e a abertura do canal de Suez em 1869, ambas inovações encurtam o tempo da viagem entre Holanda e o oriente.

Enfim todos os motivos comerciais e ideológicos que causaram a colonização holandesa nas Américas não existiam mais, e assim as Antilhas e o Suriname, únicas colônias restantes, são abandonadas, enquanto em plena expansão imperialista, a Holanda volta seus olhos para o Oriente.

Conclusão

‘História’, apenas esta palavra descreve o que aconteceram aqueles ducados e principados reunidos e depois separados, que hoje reconhecemos por Bélgica e Holanda, e que modificaram e participaram de um processo tão importante como a colonização americana. De certo estiveram presentes, pirateando, contrabandeando, conquistando, comercializando, cultivando, escravizando, espionando ou apenas montando a primeira cervejaria das Américas. Trouxeram progresso, domaram a costa brava, construíram o zoológico e o jardim botânico, com os iroqueses comercializaram peles, com os caribes, escravos. Participaram da exploração das minas

de Potosí, procuraram entre diversas ilhas o precioso sal, pois além do sal encontraram açúcar, o tabaco, a laranja, o algodão, o anis e o licor Curaçau.

No Suriname montaram uma sociedade cheia de negros silvícolas que ainda se comportam como se estivessem na África, e a ilha de Sant Eustáquio manteve abastecida a independência dos Estados Unidos, em Pernambuco construíram a ponte na Nova Recife, e em Manhattan construíram a base para o que hoje é Nova York.

E hoje, ao chegar no Suriname ou nas Antilhas, últimos redutos puros de colonização holandesa, depara-se com uma excentricidade guardada para o final do último ato: Uma língua crioula diferente de tudo que se há no mundo, o papiamento, até hoje os linguistas se digladiam para entender tal dialeto, uns falam que se trata de um “*Português corrompido*”³⁵ vindo dos escravos africanos de antigas feitorias portuguesas, outros dizem que é uma mistura entre espanhol, holandês e línguas africanas. O Papiamento é o perfeito exemplo da colonização holandesa, sem compromissos, de fato os holandeses “*não mostraram nenhum interesse em impor sua língua aos povos conquistados*”³⁶, como sua língua, não impuseram sua religião de modo arbitrário, no fim das contas a colonização holandesa tem um sinônimo, o ‘comércio’.

“Kantika de pleizir:

Ta Kasá, bo kier kasa

Mata kamarón lo bo kome

tur hende ta bin bisá-mi

kusimi kasa, ma ta

kumarón lo mi kome

Canto de placer:

Casar, quieres casarte

Pero comerás camarones

Todos vienes a decirme

Que si me caso

*Camarones comeré”*³⁷

³⁵ CORDOVA-BELLO. Op. Cit. P-124.

³⁶ Ibidem. P- 124.

³⁷ Ibidem. P- 125.

Referências Bibliográficas

- A Guiana e Curaçau – A Holanda na América*. New York: Publicação do escritório de informações holandesas. Não consta autor e data.
- ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 3ª Edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CHAMOT, Eduardo Dargent. *Presença Flamengo na América do Sul colonial*. Lima: Universidad San Martín de Porres, 2001. Presencia Flamenca em la Sudamérica colonial.
- COMMAGER, Henry Steele; LEUCHTENBURG, W.E.; MORISON, Samuel Eliot. *Breve história dos Estados Unidos*. Faustino Ballvé; Juan José Utrilla; Odón Durán D’Oion (Tradutores). México: FCE, 2003. Breve historia de los Estados Unidos.
- CORDOBA-BELLO, Eleazar. *Compañias Holandesas de Navegación, agentes de la colonización neerlandesa*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1964.
- GESSAT, Rachel. *1581: Holanda se liberta da Espanha*.
<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,319686,00.html> visitado em 10/11/2009 às 21:38hs
- GOMES, Flávio. *Palmares – Escravidão e liberdade no Atlântico Sul*. Contexto, 2005.
- GONSALVES DE MELLO, José Antônio. *Tempo dos Flamengos – Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks UNIVERSIDADE Editora, 2001, 4ª edição.
- HANSON HISS, Philip. *Índias ocidentais holandesas – Curaçau e Surinam*. IN: LANDHEER, Bartholomeus (ORG). “A Holanda”. Rio de Janeiro: Seção de livros da empresa gráfica O Cruzeiro S.A. 1947.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História geral da civilização brasileira*. Tomo I: A época colonial. Volume I: Do descobrimento a expansão territorial. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003. 13ª Edição.
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências – Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989. 16ª reimpressão.
- LOYN, H.R. (Org). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SHORTO, Russel. *A ilha no centro do mundo – A história épica da Manhattan holandesa e da colônia esquecida que formou a América*. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Obejativa, 2004.

VIEIRA FILHO, José. *O expansionismo comercial e econômico da Holanda no século XVII*. Rio de Janeiro: Jornal do commercio, 1941.